

PEDRO JUAN GUTIÉRREZ

O Rei de Havana

TRADUÇÃO
José Rubens Siqueira

ALELUÍA


Copyright © 1999, 2017 by Pedro Juan Gutiérrez

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original

El Rey de La Habana

Capa

Claudia Espínola de Carvalho

Preparação

Eduardo Rosal

Revisão

Dan Duplat

Jane Pessoa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Gutiérrez, Pedro Juan

O Rei de Havana / Pedro Juan Gutiérrez ; tradução José Rubens Siqueira. — 1^a ed. — São Paulo : Alfaguara, 2017.

Título original: El Rey de La Habana
ISBN 978-85-5632-032-6

i. Romance cubano I. Título.

16-00194

CDD-cb863.4

Índice para catálogo sistemático:

i. Romances : Literatura cubana cb863.4

[2017]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORASCHWARCZ S.A.

Praça Floriano, 19 — sala 3001

20031-050 — Rio de Janeiro — RJ

Telefone: (21) 3993-7510

www.objetiva.com.br

*Somos lo que hay,
lo que gusta a la gente,
lo que se vende como pan caliente,
lo que se agota en el mercado.*

Somos lo máximo.
Manolín, o Médico da Salsa

*O subdesenvolvimento é a incapacidade
de acumular experiência.*

Edmundo Desnoes

*Tú no juegues conmigo
que yo sí como candela.*

Canção cubana

Aquele pedaço de cobertura era o mais porco do edifício inteiro. Quando começou a crise de 1990, ela perdeu o emprego de faxineira. Então fez como muita gente: arranjou galinhas, um porco e umas pombas. Construiu uma gaiola de tábuas podres, pedaços de lata, sobras de barras de aço, arames. Comiam alguns e vendiam outros. Sobrevivia no meio da merda e do fedor dos bichos. Às vezes, o edifício chegava a não ter água durante vários dias. Então, vociferava com os meninos, acordava os dois de madrugada, e com tapas e empurrões os obrigava a descer os quatro andares e subir pela escada uns tantos baldes, tirados de um poço que inacreditavelmente existia na esquina, coberto com uma tampa de esgoto.

Os meninos tinham na época nove e dez anos. Reinaldo, o menor, era tranquilo e silencioso. Nelson, mais agitado, se rebelava sempre e às vezes gritava com ela, enfurecido:

— Não grite mais comigo, porra! O que é que você quer?

Ela era manca da perna direita e um pouco limitada ou tonta. Não era boa da cabeça. Desde menina. Talvez de nascença. Sua mãe vivia junto com eles. Tinha uns cem anos, ou mais, ninguém sabia. Todos num quarto em ruínas de três por quatro, e um pedaço de pátio ao ar livre. A velha não tomava banho fazia anos. Muito magra de tanta fome. Uma longa vida de fome e miséria permanente. Já estava cascuda. Não falava. Parecia uma múmia silenciosa, esquelética, coberta de sujeira. Mexia-se pouco ou nada. Sem falar jamais. Só olhava a filha meio tonta e os dois netos que se estapeavam e se ofendiam mutuamente em meio ao cacarejar das galinhas e ao latir dos cachorros. “Esses aí são loucos”, diziam os vizinhos. E ninguém intervinha naquelas brigas contínuas.

Às vezes, acendia um cigarro e se recostava na varanda da cobertura, olhando a rua, pensando em Adalberto. Quando jovem, teve

dezenas de homens. Gostava de excitá-los. De qualquer idade. Alguns lhe diziam: “Olha, boba, venha aqui e me dê uma chupadinha. Dou dois pesos se me der uma chupada”, e lá ia ela: chupar. Alguns lhe davam dinheiro. Outros não. Soltavam a porra e diziam: “Espere aqui, não saia daqui que eu já volto”, e sumiam. Com Adalberto foi diferente. Os meninos são dele, mas o desgraçado nunca quis viver com eles ali na cobertura, e quando viu que estava grávida pela segunda vez desapareceu para sempre. Agora já está meio velhusca, songa, fedendo demais, manca de uma perna, morrendo de fome. Pensava consigo mesma e concluía: “Quem, porra, vai chegar perto de mim? Se o que eu tenho é vontade de morrer”. Pensava assim e se enfurecia consigo mesma. Jogava o cigarro na rua e, desesperada, gritava com os meninos:

— Rei, Nelson, vão buscar água lá embaaaaixo! Caralho, vão buscar águaaaaa!

Os meninos obedeciam. Contra a vontade, mas obedeciam. Pelo menos já não prendia mais os dois no armário escuro e pequeno durante dias. Desde muito pequenos, até completarem sete anos, enfiava os dois naquele lugar úmido, cheio de encanamentos e baratas. Sem razão. Só para tirar da sua frente. Os meninos ficavam apavorados porque quando entravam na prisão podiam passar um, dois ou até três dias sem comer, lambendo a umidade dos canos. Outras vezes, atirava-os dentro de um tanque de água, de repente, gritando para se calarem e não encherem mais. De susto, os meninos se calavam. Às vezes, os afundava na água e não os tirava até que, meio asfixiados, esperneavam, desesperados. Agora, maiores e mais fortes, rebelavam-se e impediam aqueles castigos. Viviam soltos, embora de vez em quando fossem à escola, na esquina da San Lázaro com a Belascoaín. Mais para fugir dela do que para aprender. Os professores ensinavam pouco porque os alunos eram ralé. As meninhas de treze anos já estavam trepando a pleno vapor com os turistas do Malecón. Os meninos, metidos com maconha e fazendo uns negocinhos, para ganhar algum todo dia. Os pais e mães se satisfaziam com sua ausência. Ninguém estava interessado em aprender matemática, nem coisas complicadas e inúteis. E os professores não conseguiam mais dominar aquelas ferinhas. Enfim, Nelson e Rei iam à escola três

ou quatro dias e o resto da semana se distraíam na cobertura, com os pombos e os cachorros. Tinham cinco cachorros recolhidos da rua.

Muitas vezes, a única comida do dia inteiro era um pedaço de pão e uma jarra de água com açúcar, mas mesmo assim os dois cresceram. Descobriram que as pombas dos outros vinham pousar ali na cobertura deles, e que não era difícil caçá-las vivas. Então, inventaram uma armadilha: um pombo bonito, macho e sedutor, que voava por cima de todos os edifícios. Sempre aparecia alguma pombinha incauta, admiradora daquele belo galá. E lá ia ela. Voava atrás dele e o pombo a conduzia até sua gaiola para lhe fazer amor à vontade. E aí: zás. Rei e Nelson fechavam a porta da gaiola. No mercado de Cuatro Caminos pagavam quarenta ou cinquenta pesos pela pomba. Até cem pesos, se fosse branca. Com a crise e a fome e a loucura de ir embora do país, todo mundo fazia trabalhos de candomblé, e as pombas, cabritos e galos alcançavam bom preço. As galinhas pretas também, que são muito boas para limpeza e para abrir caminhos. Quando os meninos vendiam uma pomba a coisa melhorava: comiam umas pizzas e tomavam uma vitamina de frutas. Levavam pizzas para a mãe e para a avó.

Mesmo assim, ela continuava gritando sempre com eles, como uma louca. Vociferando, humilhando-os. Os dois já tinham pentelhos na virilha e no cu, o pau já havia crescido e engrossado, tinham pelos nas axilas e aquele cheiro de suor forte dos homens, e a voz um pouco mais rouca e grossa. Se masturbavam, escondidos no meio das gaiolas dos frangos, olhando a menina vizinha da cobertura ao lado. Na realidade, era a mesma cobertura do edifício, mas anos antes alguém a dividira ao meio com um muro baixo, de menos de um metro. Essa era a fronteira com os vizinhos: uma velha gorda e peituda com uma filha de uns vinte anos e muitos outros filhos que viviam por ali e jamais se lembravam de que ela era mãe deles. A menina era gostosa demais: mulata magra, linda, putinha. Só saía de noite, elegante, provocante, e voltava de madrugada. Durante o dia, andava pelo seu pedaço de cobertura com um short curtinho e justo e uma blusinha mínima, sem sutiã, com os bicos dos peitos bem marcados, e ahhh. Uma tentação. Reinaldo tinha já treze anos e Nelson, catorze. Tinham largado a escola fazia tempo. Não aguen-

tavam mais continuar sempre na sétima série. Repetiram três vezes a mesma série, até que desistiram.

Consideravam-se homens. Continuavam com o negócio das pombas. Cada dia eram melhores roubando pombas e todo dia vendiam uma ou duas. Era um bom negócio. Eram homens e já sustentavam todos em casa. Mas a mãe continuava estúpida como sempre. Odiavam aquelas explosões e aqueles pitos na frente de todo mundo. Se sentiam humilhados e respondiam:

— Não seja besta! Cale a boca, porra, cale a boca!

A cobertura cada dia ficava mais porca, fedendo mais a merda de animais. A avó quase não se mexia. Sentava-se num caixote meio podre, ou em qualquer canto. E ficava horas debaixo do sol. Tinham de enfiá-la no quarto e deitá-la. Parecia uma morta-viva. Tinham também de controlar a mãe, porque a cada dia ficava mais maluca. Já nem conseguia mais descer a escada. Eles a empurravam e gritavam para que se calasse, mas ela berrava mais ainda, pegava um pedaço de pau e mandava em cima deles, tentando defender seu território. Eles arrancavam o pau da mão dela e a controlavam com uns bofetões na cara. Ela chorava de raiva, gritando, soluçava, acendia um cigarro no beiral da cobertura, olhando os carros, as bicicletas e as pessoas que passavam por San Lázaro. Já nem se lembrava de Adalberto.

Uma manhã, por volta das onze, estava fumando e olhando a rua. Nelson tinha lhe dado um bofetão duro na boca, e ela estava com o lábio superior inchado e cortado por dentro. Passava a língua e sentia o gosto metálico do sangue. Estava furiosa. Jogou a bituca na rua, deu uma cuspida meio sanguinolenta, querendo que caísse na cabeça de alguém, e se virou para entrar no quarto. O sol estava forte demais e lhe doía a cabeça. Os meninos, escondidos atrás do galinheiro, espiavam a putinha da vizinha. Os dois de olhos entre-cerrados, sonhadores, mexendo ritmicamente no pau. A mulatinha estava meio nua, estendendo uma toalha e uma calcinha vermelha, de renda. Gostava que os meninos se masturbassem olhando para ela. A toalha pingava água e ela torcia e se molhava para se refrescar, debaixo do sol. Na verdade, gostaria de vê-los de corpo inteiro, frenéticos na frente dela, batendo a sua punheta, mas ainda eram meninos demais para se atrever a tanto. Quando crescessem um pouco

mais seriam bons “atiradores” e exibiriam os paus nos portões do Malecón para todas que quisessem ver. Por ora, faziam escondido.

Quando ela viu aquele espetáculo, ficou ainda mais atiçada. Empinou de raiva:

— Vão batendo punheta! Vão batendo punheta! Descarados, vão acabar morrendo, fora daí! Os dois! Fora daí!

Pegou um pau para bater neles, mas logo se virou para a vizinha provocante:

— E você, puta de merda, faz isso só pra foder, porque é uma puta. Não provoque mais, senão eles acabam morrendo. Sem comer e tocando punheta o dia inteiro! Vai matar eles, droga de puta! Vai matar eles!

— Escuta aqui, tonta, não me amola, eu estou na minha casa e faço o que bem entendo.

— Você é uma bela de uma puta.

— Sou, mas com a minha boceta. E vivo vinte vezes melhor que você, que é tonta e imunda. Sua porca!

Os cachorros começaram a latir e as galinhas também se alvoroçaram. No meio de tanto barulho e tanta loucura, ela tenta saltar o pequeno muro que separa as coberturas, com o pau na mão, querendo bater na vizinhinha, mas Nelson já está em cima dela e lhe tira o pau da mão. Furiosa, tenta passar de qualquer jeito para o pátio vizinho, gritando:

— Você é uma puta! E você um punheteiro! Tira a mão de cima de mim. Me solta, punheteiro de merda.

— Não me xingue mais, porra, não me xingue mais!

Nelson está fora de si, descontrolado. É um homem de catorze anos, e lhe dói aquela humilhação. E ainda por cima as gargalhadas escarnecedoras da vizinhinha, que agora provoca ainda mais:

— Vai, punheteiro, descarado, vai ficar maluco com tanta punheta! Vai arrumar uma mulher.

E dá a volta e entra em casa, muito tranquila, reuebrando a bunda para um lado e para o outro. No meio da briga, a gozação da putinha o machuca ainda mais. Dá um forte empurrão na mãe e a joga de costas contra o galinheiro. De um canto da gaiola, projeta-se uma ponta de cabo de aço que se crava em sua nuca até o cérebro. A

mulher nem grita. Abre os olhos com horror, leva as mãos ao ponto onde entrou o aço. E morre apavorada. Em segundos, forma-se uma poça de sangue grosso e de líquidos viscosos. Ela morre com os olhos abertos, horrorizada. Nelson vê aquilo e de repente desaparece o ódio que sente pela mãe. É inundado de dor e de pânico.

— Ai, minha mãe! O que foi que eu fiz, o que foi isso?

Agarra a mãe, tentando levantá-la, mas não consegue. Está espantada pela nuca na ponta do cabo de aço.

— Eu matei ela, matei ela!

Gritando como um louco, sai correndo pelo beiral da cobertura e se atira na rua. Não sente o estrépito do seu crânio ao se arrebentar no asfalto quatro andares abaixo. Morreu igual à mãe, com uma expressão veemente de crispação e de terror.

A avozinha viu aquilo tudo sem se mexer de seu lugar, sentada num caixote de madeira podre. Sem fazer nem um gesto, fechou os olhos. Não podia viver mais. Já era demais. O coração dela parou. Caiu para trás e ficou recostada na parede, impávida como uma múmia.

Rei não havia saído de seu esconderijo atrás do galinheiro. Foi tudo rapidíssimo, e ainda estava com o pinto duro feito um pau. Guardou-o como pôde e colocou-o entre as coxas para prendê-lo e não fazer volume, até baixar sozinho. Ficou sem fala. Foi até o beiral da cobertura e olhou. Lá estava seu irmão, estatelado no meio da rua, rodeado de gente, de policiais, o trâfego parado de um lado e outro da San Lázaro.

Num instante os policiais chegaram à cobertura. Vinham belicosos:

— O que aconteceu aqui?

Rei não conseguiu responder. Encolheu os ombros e se pôs a sorrir para os policiais. Os sujeitos ficaram boquiabertos:

— E você ainda ri? O que foi que você fez? Vamos lá, diga aí. O que foi que você fez?

Riu de novo, tinha a mente em branco, mas afinal conseguiu dizer:

— Nada, nada. Eu não sei.

— Como não sabe? O que você fez?

— Nada. Eu não sei.

Foi algemado. Levado pela escada. Empurrado para dentro da radiopatrulha até a delegacia de polícia, a umas quadras dali. Foi preso numa cela, no porão, junto com três delinquentes. E ali ficou. Sem pensar em nada, mordorrento.

Os técnicos de criminalística demoraram três horas para chegar a San Lázaro. Trabalharam escrupulosamente a tarde toda. Levantaram o cadáver de Nelson às cinco horas e o levaram para o necrotério, junto com o da avó. Com ela demoraram um pouco mais. Já era de noite quando resolveram desenganchá-la do cabo de aço e mandá-la para o necrotério. Era evidente que alguém havia empurrado violentamente o rapaz da cobertura e a mulher, de costas, contra o galinheiro. A velhinha morreu de uma parada cardíaca, sem violência. Só que não havia testemunhas. Ninguém viu nada. É sempre a mesma coisa nesse bairro. Ninguém vê nada. Jamais uma testemunha.

Interrogaram Rei durante três dias. Estava aturdido e repetia uma vez ou outra a mesma coisa:

— Não sei, não vi nada.

— Onde é que você estava? O que fizeram com você? Por que matou eles?

— Não sei. Eu não vi nada.

Rei tinha treze anos. Não podia ir a julgamento. Mandaram-no para um reformatório de menores, nos arredores de Havana. Pelo menos era um lugar muito limpo, com o chão brilhando e todos de uniforme limpo. Foi examinado por um médico, um dentista, um psicólogo, um instrutor policial, um professor. Rei gelou diante daquela gente. Escondeu tudo o que sentia e se empenhou em encontrar sistematicamente uma maneira de escapar. Não aguentava aquela merda de pedir licença a toda hora, de levantar de madrugada para fazer exercício, de sentar de novo numa classe para escutar coisas que não entendia nem queria entender. Depois de três ou quatro dias ali, um negro uns dois anos mais velho que ele, forte e grande, mostrou-lhe o pau nos chuveiros. Um pau enorme. Foi chegando perto dele, abanando aquele bichão com a mão direita:

— Olhe, mulatinho, o que você acha deste bicho aqui? Que bundinha linda você tem.

Rei não deixou que terminasse. Partiu para cima dele aos socos. Mas o desgraçado do negro estava ensaboados e os socos escorregavam. Os outros rodearam os dois e começaram a apostar:

— Eu ponho cinco no negro! O mulato está perdido.

— Ponho três no mulato, três no mulato.

Logo chegaram quatro guardas distribuindo porradas a torto e a direito. Apartaram os dois. Receberam ordem de vestir só as calças e foram levados de castigo para os calabouços. Escuridão absoluta, quase sem espaço para se mexer, umidade permanente, ratos e baratas. Perdeu a noção do tempo. Não sabia se era de dia ou de noite. Quando não aguentava mais de fome e sede, trouxeram uma jarra de água e um prato de alumínio com um pouco de arroz e feijão com caldo. Repetiram a mesma dieta umas quatro ou cinco vezes. Enfim, o tiraram e o reintegraram ao grupo. Voltou a se sentir uma pessoa, porque no calabouço já estava com cheiro de barata, pensando e se sentindo igual a uma. O instrutor que cuidava dele o levou ao escritório. Sentou-se atrás de uma escrivaninha e o deixou de pé à sua frente:

— O que aconteceu com você?

— Aquele negro queria comer o meu cu.

— Se expresse corretamente. Aqui ninguém é negro, nem branco, nem mulato. São todos internos.

— Bom... dá na mesma... troque negro por interno.

— Você se acha simpático?

— ...

— Estou fazendo uma pergunta. Responda.

— Não. Eu não sou simpático.

— Vou avisar uma coisa: eu sou seu instrutor. Sou eu que resolvo quanto tempo você vai ficar aqui. Está com treze anos. Se continuar brigando e armando confusão, vai chegar aos dezoito aqui dentro e automaticamente, no mesmo dia em que completar dezoito, passa para a prisão... Está claro? É automaticamente jogado para os tubarões... pra ser devorado. Então, vou falar uma vez só. Não vou repetir: você se colabora e se comporta bem, para ver se podemos fazer alguma coisa por você.

E se pondo de pé, com ar marcial:
— Retire-se! Volte para o seu grupo!

Rei deu meia-volta e saiu da sala. Foi se sentar num banco, no pátio interno do reformatório. E, sem rodeios, pensou diretamente qual era a regra do jogo: “Então, aqui a gente tem de ser muito durão para ninguém comer seu cu, mas sem o cara perceber. Oquei, eu vou em frente”.

Levantou-se do banco e foi para o alojamento. A partir daí, nunca mais deu risada com ninguém, nem fez amigos. Aprendeu a fazer tatuagens, olhando um branquinho bocó que sabia desenhar. Por sorte, o negro não chegou mais perto dele. Não era tão durão quanto parecia. De todo jeito, apontou e afiou uma escova de dentes que guardava escondida no colchonete. Às vezes, pegava a escova e testava a ponta. Com aquilo conseguia atravessar o coração de quem aparecesse para abusar dele. Tinha vontade de enfiar no pescoço do negro e escarafunchar bem até cortar todas as veias e acabar com o sangue dele. Tinha ódio do negro. Achou que ele era bicha e que podia comer sua bunda e desprestigiá-lo na frente de todo mundo. Nada disso. Ele era um cara durão. Não conseguia esquecer o calabouço que teve de aguentar por causa daquele negro bofe de veado, mas ia sair dali sem mais problemas. De noite, batia uma punheta pensando na mulatinha puta, e quando gozava dizia: “Vou comer sua boceta, puta, vou comer você. Ainda saio daqui”.

De manhã, ia às aulas. Para nada. Não se interessava pelos professores. De tarde, trabalhava nos cítricos. Uma plantação enorme de laranja e limão cercava o reformatório. Depois, tomava banho. Não tinha costume de tomar banho todo dia, nem gostava de água e sabão, mas era obrigado. Comia aquele pouquinho de comida horrível. Quase sempre umas colheradas de arroz, feijão e um pedaço de batata ou batata-doce. Assistia a um pouco de televisão. Às nove, todo mundo deitava e batia a sua punheta. Alguns aproveitavam o escuro para comer os mais fracos. Ele os ouvia resfolegando. Um levando no cu, o outro soltando a porra. Um par de vezes meteu numas bichas, mas não tinha muito interesse nelas. Gostava das mulheres. Na escola, tinha estado com duas meninas. As duas disseram a mesma coisa: “Você fede a sovaco. Sempre com cheiro de sovaco, não se lava

nunca. É muito porco”. Ele nunca esquecia delas. Os peitos duros, a boceta peluda, as nádegas, o rosto bonito, cabelo comprido, voz suave, os beijos, ahhh..., tinha de sair dali. Com calma. Até agora as coisas estavam indo bem. Não falava com ninguém. Lembrava de sua avó silenciosa e dizia para si mesmo: “Assim é melhor. Não falar com ninguém. Pra não me foderem”.

Só se chegava era no cara das tatuagens. Ele as fazia com um alfinete. Fabricava a tinta com sabão e fuligem de um lampião de querosene. Levava dois dias para fazer um desenho, escondido dos guardas. Ponto a ponto, com muita paciência. Rei ficava olhando como era aquilo. O cara cobrava dois ou três maços de cigarro ou uma camiseta, uma caneta esferográfica. Alguma coisa, qualquer coisa. Tudo bem, não era mau negócio. Conseguiu uma caneta emprestada, desenhou uma pomba voando na parte de dentro do antebraço, perto do pulso. Ali os guardas não iam ver e não iam perguntar nada. Pediu para o cara o alfinete emprestado. Ele não quis dar. Pegou o cara pelas orelhas e o jogou no chão. O cara deu o alfinete sem abrir a boca. Pegou o lampião e o sabão e foi tatuar sua pomba. As alfinetadas doíam, mas ele gostava daquilo. Ficou boa, preta e nítida. Se não fosse pelos guardas, continuaria pintando o corpo inteiro, mas não queria mais problemas com o instrutor.

No outro dia um branquinho de cabelo ruim disse que queria fazer uma tatuagem de pomba igual à dele.

- O que você me dá?
- Um maço de cigarro.
- Não. Uma pomba dá muito trabalho.
- Dou um maço agora e mais outro dentro de quinze dias.
- Tudo bem.

Um mês depois, tinha feito três tatuagens, inclusive uma *Virgen de la Caridad del Cobre*, e era o dono do negócio. Foi ficando tudo um pouco mais fácil. Era respeitado. Ninguém chegava perto para falar bobagem. A rotina é ideal para fazer o tempo passar. Ficou gostando de maconha. Às vezes, nos laranjais, fumava depressa um baseadinho, quando os guardas se afastavam o suficiente. Gostava daquela letargia. Na verdade, detestava a escola de manhã. E detestava ainda mais trabalhar de tarde, e tomar banho sempre, e comer e

dormir todo dia à mesma hora. Como um bichinho. Uma vez, deu um peido no refeitório, durante a refeição, e quase foi parar no calabouço. Até peidar era proibido ali! Porra, assim não dá para viver!

Durante algum tempo, pensou que no laranjal dava para escapar. Sem falar com ninguém, foi analisando o terreno. Passou meses com essa ideia. Até que desistiu. Onde menos se imaginava, havia um guarda controlando um bom pedaço de terreno. E tinha também os cachorros. Não. Teve de desistir da ideia.

Depois de abandonar o plano de fuga, interessou-se pelas pérolas na glande. Na enfermaria, havia sempre alguém com a ferida infeccionada. Esses tinham azar: tratavam da infecção deles, depois os operavam e extraíam as pérolas. Mas muitos saravam bem e ninguém ficava sabendo. Alguns punham até três pérolas. Não eram exatamente pérolas. Eram bolinhas de aço, de rolamento de bicicleta. Dois caras faziam aquilo. Uma tarde de domingo, viu como eles faziam: pegavam o pênis do “paciente”, desinfetavam com álcool e faziam uma incisão por cima, na pele, perto da cabeça. Puxavam essa pele, faziam a incisão, punham uma, duas ou três bolinhas. Punham a pele de novo no lugar e fechavam tudo com esparadrapo para cicatrizar. Limpavam o ferimento diariamente, com álcool. Usavam uma lâmina plástica, de escova de dentes. Em uma semana estava pronto: curado ou infeccionado. Se tinha de ir para a enfermaria, o paciente dizia que tinha feito sozinho.

Contavam histórias de como as mulheres ficam loucas com essas pérolas na glande, “perlonas” no jargão do presídio.

— Quando se sabe usar, as minas ficam loucas, cara — disse-lhe um dos que faziam a operação.

— Quanto é que você cobra isso aí? — Rei perguntou.

— Quantas você quer botar?

— Duas.

— Vamos fazer um acerto. Você me faz uma tatuagem de santa Bárbara nas costas. Grande. Que me pegue as costas inteiras. E pronto.

— Oquei. Primeiro você me põe as pérolas e quando tiver curado eu faço a tatuagem.

Rei era um mulato magro, de estatura normal, nem feio nem bonito, que não se lembrava de jamais ter comido carne. Nem de por-

co. Se alguma vez provou foi de pequeno e não se lembrava. Mesmo assim, não tinha má saúde. Puseram-lhe as duas bolas de aço, que insistiam em chamar de “pérolas”. Não saiu muito sangue. Tomou um gole de álcool para aguentar melhor a dor. Quatro dias depois, a ferida estava curada. Quando saísse para a rua, podia dizer para as minas que era marinheiro e que tinha colocado as perlonas na China. Era isso que diziam todos os presidiários que tinham pérolas na glande. Ninguém dizia que andou guardado no “tanque”. Ninguém dizia a verdade. “Neste mundo ninguém diz a verdade. É tudo mentira. Por que eu vou dizer a verdade? Que nada. Marinheiro. E os marinheiros sempre têm pesos e as minas vão atrás deles feito mosca no açúcar”, pensava.

De resto, foi tudo chato no reformatório. De tempos em tempos o instrutor o levava até o escritório e tentava descobrir o que acontecera aquela manhã na cobertura.

— Me conte o que aconteceu. Me ajude a resolver o seu caso.

As palavras não lhe vinham, não conseguia. Cada vez que aquela cena estava se apagando na sua cabeça, vinha o sujeito com aquela encheção pedindo que lembrasse.

— Não, não sei, não sei.

— Como não sabe, rapaz?

— Não. Não sei.

Os meses continuaram passando com a mesma monotonia de sempre. Passaram três anos e ele completou dezesseis. Tranquilo, sem uma visita, nunca. Não tinha ninguém. Devido a seu caráter amargurado e reservado também não tinha amigos. Estava sempre sozinho. Um dia, os chefes disseram que as laranjeiras estavam malcuidadas. Reorganizaram os grupos de trabalho. O grupo que obtivesse melhores resultados ganharia uma excursão à praia. Uma excursão à praia? Para quê? Ele não sabia nadar. Não lhe interessava essa viagem à praia, e continuou no mesmo ritmo de sempre: andando por inércia, trabalhando o menos possível, fazendo as tatuagens e mandando ver numa bagana de maconha quando dava. Uma manhã, reuniram todos e elogiaram o grupo de que Rei fazia parte: eram os melhores e o prêmio consistia em passear, sábado à noite, em Guanabacoa. Um luxo e tanto. Uma orquestra de salsa ia se apresentar na casa de cultura. O chefe do grupo pediu licença para falar:

- O prêmio era um dia inteiro na praia, pelo que disseram.
- Não. Isso vai ser outro dia.
- Certo. Permissão para sentar.
- Concedida.

Para Rei, tanto fazia. Não sabia nem nadar, nem dançar, nem gostava de música, nem gostava de água, então que fossem tomar no cu. Não gostou daquele prêmio mixuruca. Tinha de ir, porque era obrigatório, mas ficaria sentado num canto até terminar aquela merda. Ficou de mau humor vários dias. No sábado, ficou ainda mais bravo, mas não queria pedir licença para permanecer no alojamento porque não iam dar. Só com diarreia ou com quarenta graus de febre conseguiria ficar. Subiu no ônibus tranquilamente. Iam quatro guardas junto com eles. Chegaram à casa de cultura. Sentaram todos juntos e os guardas ficaram nos corredores. Logo depois chegou a orquestra e em seguida começou o concerto. Tocavam bem. Uma boa salsa. O lugar começou a ficar cheio até o teto de gente jovem. Todos dançando, menos eles. Eram vinte e três internos, vestidos de cinza. Meninos entre treze e dezoito anos. Dançando nas cadeiras, ansiosos, olhando as meninhas que dançavam meneando muito a cintura, com as saias curtas e mostrando o umbigo. Agora a moda era mostrar o umbigo. Os guardas também tinham relaxado e dançavam um pouquinho, mas pouco, sem perder o controle e sem sair de seus postos. O erotismo da dança inundava o salão, e a música, incessante, estimulava os sentidos, mas Rei continuava de péssimo humor, e além disso com vontade de mijar. Um desejo urgente de mijar. À direita da sala, na parte de trás, havia um banheiro masculino. Pediu licença para ir.

- Pode, vá e não demore.

Rei foi ao banheiro. Mijou. Saiu de novo para a sala. Seu grupo e os guardas estavam na parte da frente, a uns quarenta metros de distância. O salão lotado de gente barulhenta, suando. Todo mundo dançando. Ninguém olhando para o banheiro. Tranquilamente, sem pensar em nada, Rei saiu andando em direção à porta principal. Ninguém olhou para ele, ninguém lhe perguntou nada, e continuou andando pela calçada, para qualquer lugar. Não sabia aonde ir, nem por que estava fazendo aquilo. Saiu do povoado, passou na frente de

um cemitério. A noite estava muito escura. Ele gostava daquilo. Ia devagar, passeando, sem pressa. Depois do cemitério havia um grupo de casas de ambos os lados da estrada. Num varal havia camisas secando, um short e uma camiseta. As pessoas dormiam cedo por ali. “Porra, isso é um presentinho pra mim.” Catou aquela roupa e seguiu em frente. Mais adiante trocou de roupa, jogou o uniforme cinzento numa valeta. Agora ia em trajes civis, embora de cabeça raspada, mas estava na moda raspar a cabeça, muitos homens usavam. Continuou andando sem pressa pela estrada escura. Lá longe, à esquerda, via-se o farol da refinaria e mais adiante as luzes da cidade. Será que estavam procurando por ele? Bom, se o pegassem ia para o calabouço de cabeça. Aquilo, sim, era grave. Mas não. Não tinham como encontrá-lo. Além disso, tanto fazia. “No fim”, pensava, “não tenho nada para fazer nem aqui fora, nem lá dentro. Para que a gente nasce? Para morrer depois? Se não tem nada para fazer. Não entendo para que passar por todo esse trabalho. Viver, disputar com os outros pra não foderem você, e no fim de tudo a merda. Ahh, tanto faz estar aqui fora como lá dentro.”

Andou até cansar. Já estava perto do porto. Dali se viam os barcos bem iluminados no meio da baía. Era uma zona de fábricas, armazéns, enormes extensões cobertas de sucata com mato crescendo em volta, carrocerias de carros batidos, contêineres metálicos apodrecidos, tudo abandonado e desolado. Sem uma alma. Tinha sono e se enfiou no meio da ferrugem e dos arbustos daquele lugar escuro e silencioso. Acomodou-se dentro de um contêiner velho, longe da estrada. Ali ninguém o veria. E dormiu.

Quando acordou, o sol estava alto e quente. Ficou quieto, escutando, alerta, imóvel. Foi identificando os ruídos: caminhões que iam e vinham pela estrada, uma mistura de zumbidos das fábricas, um batedor pneumático, uns gritos. Tudo longe. Muito mais perto, o piar de vários tipos de pássaros. Talvez cantassem pousados numas árvores frondosas, a poucos metros. Uma rajada de ar fresco o tirou da modorra. Espreguiçou-se, bocejou e pôs-se de pé. Com muito cuidado, olhou em torno e gostou do que viu: um mar de sucata

enferrujada e retorcida, mato, algumas árvores, tranquilidade e silêncio. Ao longe, divisavam-se umas fábricas pequenas e, descendo uma pequena encosta, à sua frente, a baía, com poucos barcos fundeados, esperando a vez. A brilhante luz solar o cegava, mas fazendo um esforço viu, ao longe, várias pessoas revirando um depósito de lixo, crianças e adultos. Estava com fome e pensou que talvez no lixão pudesse encontrar alguma coisa. Esperou que fossem embora, mas iam uns e apareciam outros. Anoiteceu e viu uma luzinha na direção do lixão. Quem sabe havia alguém que pudesse lhe dar alguma coisa de comer. Aproximou-se sorrateiramente, sem ruído. Eram três homens e uma mulher, muito sujos. Talvez os mesmos vadios que vira durante o dia ali no lixão. Tinham cara de gente boa. Estavam quietos e um lampião iluminava bem no meio da escuridão. Foi difícil, mas por fim se decidiu. Aproximou-se e cumprimentou:

— Boa noite.

Olharam para ele e não responderam. Eram imundos e ficaram em guarda, tensos:

— Tem alguma coisa de comer que...?

— Não! — interrompeu um dos homens.

Outro se pôs de pé, com um pedaço de tábua na mão. Ameaçou:

— Vá, vá embora daqui.

Rei se afastou uns passos, sem dar as costas para o sujeito que ameaçava, e insistiu:

— É que eu estou com fome.

— A gente também. Vá, já, passa daqui.

— Isso é coisa que se fala pra cachorro.

— E é isso que você é. Fora! Fora!

Foi para a estrada. Passaram dois caminhões para descarregar no lixão e lhe sopraram pó na cara. Iam depressa. Atrás, vinha um carro de patrulha da polícia. Quando o viu já era tarde demais para se esconder. O susto lhe deu vontade de cagar, mas o carro passou velozmente por ele. Respirou aliviado. Dois segundos depois, a polícia interceptou os caminhões. Ele se enfiou no meio do mato para cagar. Estava um pouco constipado e seu cu doeu. Fazia dias que não cagava, de forma que o susto valeu. Limpou-se com um pedaço da camisa. Voltou a seu esconderijo. Dali ficou observando tudo.

Poucos minutos depois, chegaram mais duas patrulhas. Revistaram os caminhões. Conversaram. Olharam os documentos. Esperaram. Falaram de novo. Finalmente se foram. Cada um para seu lado. O que teria acontecido ali? Rei ficou dormindo. Quando despertou estava com uma fome de cão. Ainda era de noite. Levantou-se e saiu andando devagar. Nunca se apressava. Para quê?

Estava amanhecendo quando viu as primeiras casas de Regla. Era a primeira vez que via esse povoadinho do outro lado da baía. Enquanto viveu em San Lázaro nunca saiu daquelas poucas quadras. Ouvia falar de El Cerro, de Luyanó, de Regla, de Guanabacoa, mas nunca se mexeram dali. Depois, três anos e tanto preso.

Será que estava sendo procurado? Bom, tanto fazia. Sentou-se no batente de uma porta, para esperar amanhecer. Estava acostumado a passar fome. Desde sempre. Quanto tempo fazia que não comia, nem bebia água? Duas noites e um dia. Ficou ali meio aturdido, recostado na parede. Logo depois, abriram uma vendinha de frios a poucos metros dele. Passaram algumas pessoas. Chegavam, bebiam café. Alguns comiam uma empanada. A fome, a sede e a calminhada o tinham esgotado e sentia engulhos, mas fez um esforço e se arrastou até lá. Estendeu a mão: “Me dê uma ajuda, para comer”. As pessoas olhavam para ele com nojo, como se estivessem vendendo um cachorro sarnento. O dono do bar o espantou: “Vá, suma daqui”. Afastou-se alguns passos, mas continuou com a mão estendida: “Uma ajuda, para comer”. Um negro velho parou e olhou para ele. Vestia-se pobemente e tinha três colares coloridos no pescoço:

— O que há com você?

— Me dê uma ajuda para eu comer alguma coisa, senhor.

— Por que não vai trabalhar, rapaz, moço desse jeito?

— Me ajude, estou com fome.

O homem lhe deu umas moedas e continuou andando. Rei comprou uma empanada. Mastigou devagar. O troco não deu para um refresco. Largou as moedas no balcão:

— Me dê um pouquinho de refresco.

— Não, custa um peso. Aí só tem vinte centavos. Vá, suma daqui. Já falei para você ir embora.

— Me dê um pouco de água.

— Não tem água. Vá embora, não ouviu?

Afastou-se de novo e continuou pedindo. Ninguém lhe deu nem uma moeda mais. O sol já estava alto. Começou a observar um café, em frente. Vendiam pão com croquete, refrescos, rum, cigarros. Sentou-se na calçada para ver se acontecia alguma coisa. Logo chegaram dois mendigos. Revistaram a lixeira ao lado do bar. Remexeram, procuraram até o fundo. Foram embora de mãos vazias. Numa passagem, entre o bar e o outro prédio, saiu um dos atendentes e jogou restos de comida num balde. Eram restos para os porcos. Fedendo a comida podre. Naquele caldo asqueroso, boiavam uns pedaços de pão, restos de croquete, cascas de manga. Pegou tudo e saiu para a rua, engolindo aquela porcaria. Um menino viu e gritou para o atendente do bar: “Tio, olha, ele está roubando os restos”. O homem atrás do balcão gritou para ele: “Ô, vá, suma daqui. Não entre mais ali”. Apesar dos gritos, Rei sorriu e pediu um copo de água. “Não tem água, não tem nada. Já disse para se mandar daqui senão chamo a polícia.”

Rei se afastou depressa, na direção do cais. Jogou-se num canto e ficou olhando o embarcadouro da barca de passageiros entre Havana e Regla. Na frente, há uma pracinha ampla e a igreja da Virgem de Regla. Ele não sabia nada de igrejas, nem de religião. Nem sua mãe, nem sua avó, ninguém jamais tinha lhe falado do assunto. No bairro, muita gente usava colares, havia toques de tambor, altares. Desde menino viu tudo aquilo, mas não tinha nada a ver com ele. Por que as pessoas fariam tudo aquilo? Entravam e saíam da igreja. Que fariam ali dentro? Sentou-se num muro. Sua vida corria sempre lenta. Horas esperando, sem fazer nada. Dias, semanas, meses. O tempo passando pouco a pouco. Por sorte, não pensava muito. Não pensava quase nada. Ficava observando em volta, principalmente as mulheres. Tranquilo. Não tinha nada para pensar.

Uns velhos bêbados vinham vindo, cambaleando pela calçada, repartindo uma garrafa de rum. Muito magros, sujos, barbudos, vestidos apenas com farrapos, mas muito animados, conversando os três ao mesmo tempo, um falando em cima do outro. Sentaram-se perto dele e continuaram a chacrinha de bêbados profissionais. Um deles olhou para o rapaz e — automaticamente — Rei lhe estendeu a mão: